



OS
CACA-
MISTÉRIOS

O diário perdido de Pernambuco

© Luis Eduardo de Albuquerque Sá Matta, 2012

representado por AMS Agenciamento Artístico, Cultural e Literário Ltda.

GERENTE EDITORIAL: Fabricio Waltrick

EDITORA ASSISTENTE: Fabiane Zorn

ASSISTENTE DE ARTE: Thatiana Kalaes

COLABORADORA: Sara Souza Gomes

PREPARADORA: Cláudia Cantarin

COORDENADORA DE REVISÃO: Ivany Picasso Batista

REVISORAS: Ana Luiza Couto, Cátia de Almeida

PROJETO GRÁFICO: Mabuya Design

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: Mauro Souza

COORDENADORA DE ARTE: Soraia Scarpa

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Estudo Gráfico Design

TRATAMENTO DE IMAGEM: Cesar Wolf, Fernanda Crevin

PESQUISA ICONOGRÁFICA: Sílvio Kligin (coord.)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M385d

Matta, Luis Eduardo, 1974-

O diário perdido de Pernambuco / Luis Eduardo Matta ; ilustrações
Mauro Souza. - 1. ed. - São Paulo : Ática, 2012.
168p. : il. ; - (Olho no lance) (Os Caça-Mistérios)

Inclui apêndice

Anexo: cartão decodificador

ISBN 978-85-08-15369-5

1. Olinda e Recife (PE) - Literatura infantojuvenil. 2. Novela infantojuvenil brasileira. I. Souza, Mauro, 1974-. II. Título. III. Série.

11-6371.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 15369-5 (aluno)

ISBN 978 85 08 15370-1 (professor)

Código da obra CL 737874 | CAE: 269475

2016

1ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2012

Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



LUIS EDUARDO MATTA

**O DIÁRIO PERDIDO
DE PERNAMBUCO**

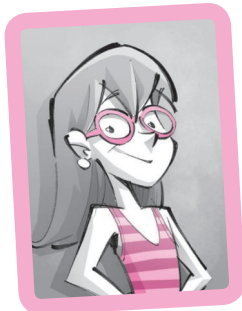
ILUSTRAÇÕES

MAURO SOUZA

ea

editora ática

QUEM SÃO



Júlia

Nome completo:

Júlia de Castro
Álvares Cabral

Idade: 12

Uma qualidade: Sou muito determinada. Quando decido fazer uma coisa, faço mesmo e ninguém me segura.

Um defeito: Sou meio vaidosa. Ou melhor: sou vaidosa e meia. Tento disfarçar isso, mas nem sempre consigo. Aliás, quase nunca consigo. Nunca acho que estou suficientemente bonita e bem-vestida.

Meu passatempo favorito: Escolher roupas e acessórios para vestir e fazer combinações diferentes e originais entre eles. Às vezes me enrolo toda e fica parecendo que estou com uma fantasia de carnaval.

Meu maior sonho: Ser estilista ou produtora de moda. Adoro moda.

Um pouco da minha vida: Meus pais moram no interior, onde eu e meu irmão André nascemos. Quanto fiz oito anos, fui morar com minha avó, Olga, na cidade, para estudar. Meus pais vivem, até hoje, numa fazenda. Vou sempre visitá-los nas férias, mas fico logo doida para voltar, pois eu gosto mesmo é da cidade grande.



André

Nome completo:

André Luiz de Castro
Álvares Cabral

Idade: 11

Uma qualidade: Sou criativo (pelo menos é o que me dizem e eu acredito) e estou sempre procurando um *hobby* novo.

Um defeito: Não gosto de atividades físicas e me canso com facilidade. Também não sou lá muito corajoso.

Meu passatempo favorito: Varia muito. Depende do dia.

Meu maior sonho: Poder ficar um mês inteirinho deitado numa rede, sem fazer nada, só comendo coisas gostosas e lendo um livro bacana.

Um pouco da minha vida: Assim como minha irmã Júlia, me mudei para a casa da vovó Olga na cidade, para estudar. Nas férias costumo ir com a Júlia visitar meus pais na fazenda, onde eles moram. Lá aproveito para ler bastante. Adoro livros policiais e de suspense, e filmes de ação.

Uma qualidade: Me adapto a qualquer situação. Sou daquele tipo que “topa tudo” e de vez em quando acabo quebrando a cara por causa disso.

Um defeito: Às vezes sou um pouco debochado e ranzinza. Não liguem. No fundo, eu sou legal.

Meu passatempo favorito: Conversar com os meus amigos. O problema é que eu falo demais e a maioria dos meus amigos, de menos.

Meu maior sonho: Quando ficar mais velho, passar uns meses viajando pelos países árabes. Me acham maluco por querer isso, mas eu não estou nem aí.

Um pouco da minha vida: Nasci em Bagdá, capital do Iraque, e, quando minha mãe morreu, vim com meu pai, Mustafá, morar no Brasil. Eu era bem pequeno e acabei virando um menino de duas pátrias, o que é muito, mas muito bacana.



Rachid

Nome completo:

Rachid al-Majid

Idade: 12

Uma qualidade: Sou muito observadora.

Um defeito: Sou aventureira e, muitas vezes, não me dou conta dos perigos que me esperam.

Meu passatempo favorito: Desvendar mistérios.

Meu maior sonho: Conhecer pessoalmente o “Leão”, meu chefe, com quem só me comunico pelo computador. Até hoje não sei o seu nome e nem como é o seu rosto. Confesso que fico curiosa em saber como é o “Leão”. Mas é claro que eu nunca disse isso a ele.

Um pouco da minha vida: Sou descendente direta de Pedro Álvares Cabral, o navegador português que descobriu o Brasil. Trabalhei trinta anos para a Interpol, a Polícia Internacional. Me aposentei há três anos, mas continuo na ativa.



Dona Olga

Nome completo:
Olga Maria de Castro Álvares Cabral

Idade: 65



FIQUE LIGADO!

O sumiço do frei Cornélio desperta uma série de suspeitas: apenas uma viagem inesperada ou teria sido ele a vítima de um sequestro, que poderá revelar um terrível plano?

Prepare-se para participar de uma aventura cheia de ação e solucionar os enigmas junto com os Caça-Mistérios. No decorrer da história, vão aparecer perguntas que você deverá responder usando seu conhecimento, sua inteligência e sua intuição. Às vezes, as pistas estão nas ilustrações; outras vezes, você deve usar o raciocínio. E ainda há casos em que, para chegar às respostas, é preciso ter boa memória. Por isso, vale a pena ler o livro com atenção.

No envelope anexo à capa, você encontrará um decodificador. Você deve colocá-lo sobre o texto oculto na superfície vermelha da página para conseguir ler a resposta.



MAS ATENÇÃO! Primeiro tente responder só usando a cabeça, sem precisar do decodificador. Depois de dar sua resposta, coloque o decodificador na superfície vermelha para conferir se acertou ou não. Se acertar, marque um ponto na sua Ficha de Detetive, que está na página 152.

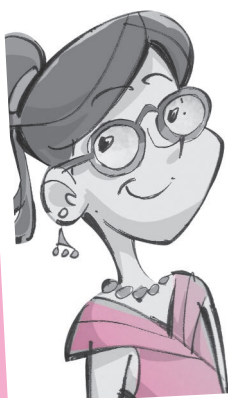
Os Caça-Mistérios contam com a sua ajuda para resolver o mistério de *O diário perdido de Pernambuco*. Bom divertimento na leitura – e na resolução dos enigmas!

SUMÁRIO

1. Tensão na folia 11

2. O frade desaparecido 19

**3. Investigar ou não investigar?
Eis a questão!** 22



*Eu sabia que a
minha paixão por
roupas acabaria me
ajudando a decifrar
uma pista! Agora só
falta você descobrir
se ela é a correta...*

4. A amiga do frade 27

5. Pânico na pérgula 35

6. A viagem misteriosa 41

7. Fuga suspeita 47

8. Diarista sob suspeita 56

9. Visita surpresa em Boa Viagem 63

10. Dois olhos espiam a distância 69

11. O laboratório holandês 76



*Mesmo com a correria,
sobrou tempo para
investigarmos as delícias
da cozinha pernambucana.
Cada coisa boa!*

Passsei um sufoco quando vi minha melhor amiga em perigo e não poupei esforços para investigar esse caso em todos os detalhes!



- | | |
|--|------------|
| 12. O ilustre antepassado do frei | 85 |
| 13. Uma notícia inesperada | 96 |
| 14. De volta ao Poço da Panela | 102 |
| 15. O homem de 112 anos | 110 |
| 16. De olho na pensão | 119 |
| 17. Quem será a “bruxa”? | 123 |
| 18. Um grito na escuridão | 126 |
| 19. Frente a frente com o perigo | 131 |
| 20. Tesouro de papel | 135 |
| 21. Dois tiros e uma surpresa | 140 |
| 22. Um conhecimento perdido para sempre | 145 |

Em pleno Carnaval, desmascaramos o criminoso!





TENSÃO NA FOLIA

Caminhando pelo sítio histórico de Olinda, tomado pelo agito da terça-feira de Carnaval, dona Olga, Júlia, André e Rachid nem sonhavam com o que os esperava naquela noite.

Passava das sete, e a festa prometia avançar pela madrugada. Os quatro subiram e desceram por horas as ladeiras da cidade, margeadas por antigos casarões e sobrados de fachadas delicadas pintadas em cores variadas ou recobertas por azulejos. Tudo para assistir a mais um dia do tradicional Carnaval da cidade histórica pernambucana e curtir seus bonecos gigantes, seus estandartes bordados e a alegria contagiante dos foliões, dançando e pulando sem parar ao som dos frevos e maracatus.

Júlia retirou o espelhinho guardado no bolso da bermuda e quase entrou em desespero ao ver que a maquiagem que tinha aplicado com o maior cuidado estava toda borrada. Ela segurou uma mecha do cabelo suado e resmungou:

— Eu estou parecendo uma bruxa...

André, que caminhava bem ao lado dela, segurando uma sombrinha colorida do frevo, respondeu:

— Você levou todos esses anos para perceber isso?

Júlia olhou-o com cara amarrada:

— Vê se toma cuidado para não sair voando com essa sombrinha, viu, Mary Poppins?

André não deixou por menos:

— E você, toma cuidado para não pegar em nenhuma vassoura, senão quem vai sair voando é você.

Eles haviam chegado a Pernambuco na quinta-feira anterior e iam ficar por lá uma semana. Há tempos, Júlia dizia que queria conhecer o Carnaval de Olinda. Desde que assistira pela primeira vez ao desfile dos famosos bonecos gigantes na televisão, ela os achou o máximo, “superestilosos”. Dona Olga simpatizou com a ideia. Não só pelo Carnaval e pelas belezas do lugar, mas também porque seria uma oportunidade de rever sua velha amiga Almerinda, que há quarenta anos vivia em Olinda, desde que se casara com um militar pernambucano. O marido havia morrido, mas Almerinda adotara Pernambuco como seu novo lar e nunca mais deixara o estado. Nem a passeio.

Dona Olga chegou a procurar um lugar para ela e os meninos se instalarem, só que, por causa da temporada de Carnaval, a cidade estava lotada e não havia mais vagas em hotéis e pousadas, ou imóveis para locação. O único lugar interessante que dona Olga tinha encontrado foi um belo sobrado no Alto da Sé, anunciado na internet. O imóvel era grande demais para quatro pessoas, mas mesmo assim ela tomou nota do endereço e de alguns dados e ligou para o telefone que aparecia no site. A pessoa que a atendeu, no entanto, limitou-se a informar que o anúncio era do ano anterior e que a casa não estava mais disponível.

Foi então que Almerinda os convidou para se hospedar na sua casa, um antigo sobrado na rua Vinte e Sete de Janeiro, bem no coração da cidade. Dona Olga a princípio relutou. Não queria importunar a amiga com aqueles três jovens adoráveis, porém barulhentos — e só ela sabia como eles podiam ser barulhentos! Mas, sem alternativas e com as passagens já compradas, acabou concordando.

Já no primeiro dia na cidade, dona Olga percebeu que seus temores não tinham fundamento: Almerinda se entendeu muito bem com Júlia, André e Rachid e os quatro se tornaram grandes amigos. E ficar na casa de uma pessoa amiga sempre é mais aconchegante do que se hospedar num hotel.

Procure pelo número 1 no mapa da p. 154
e veja onde fica a casa de Almerinda.

Estavam a poucos metros da casa de Almerinda, mas não tinha sido fácil chegar lá, tamanha era a quantidade de foliões na rua, agitando-se ao som do clássico frevo *Vassourinhas*. Com os pés moídos de tanto andar e os ouvidos zunindo por causa da música alta, André era o mais rápido. Queria voltar logo para a casa de Almerinda para retomar a leitura do livro policial que iniciara no voo entre o Rio e Recife. Ele estava chegando ao clímax da história, quando o detetive ia começar a desvendar o assassinato de uma professora, e por isso foi se espremendo de qualquer maneira entre as pessoas. Rachid viu a oportunidade e o seguiu, aproveitando o caminho aberto pelo amigo apressado.

Estavam quase conseguindo, quando Rachid sentiu uma mão apertando o seu ombro com força.

Ele levou um baita susto e, ao se virar para tirar satisfações, deu de cara com uma garota que devia ter mais ou menos a sua idade, com uma peruca de cabelos negros e compridos e vários colares pendurados no pescoço.

— Legal a sua fantasia — ela disse, apontando para o *kefié* de Rachid, que, por sinal, não estava fantasiado. — Do que é?

— Não é fantasia — rosnou Rachid, contrariado. Olhou para o lado, mas André tinha sumido.

— Estou fantasiada de “Mulher do Dia”. É uma boneca famosa aqui do Carnaval, a companheira do “Homem da Meia-Noite” — a garota comentou. — Sabia que deu o maior trabalho conseguir essa peruca? Ano que vem, vou fazer como você: vou pegar um pano de prato na cozinha, amarrar com um barbante e usar como fantasia. É bem mais simples.

“*Pano de prato amarrado com barbante?* Essa peruca deve ter fervido os miolos dela”, pensou Rachid.

Ele tentou explicar:

— Isso aqui não é nem nunca foi um pano de prato. Chama-se *kefié*. É usado pelos árabes.



— Que legal. Então é fantasia de árabe?

— Não é uma fantasia!

— Posso ser sincera? Você devia ter caprichado mais. Posto uma túnica e uma barba preta e comprida. Mas o que vale é a diversão.

“Essa menina é surda ou o quê?”

— Não é uma fantasia! — insistiu Rachid.

— Eu sei que não. Fantasia é maneira de dizer. Um pedaço de pano é muito pouco para ser chamado de fantasia.

— Eu uso esse *kefié* todos os dias... Eu sou árabe.

— E eu sou a “Mulher do Dia”!

A garota começou a se agitar e a pular ao som do frevo e sumiu rapidamente em meio à multidão em festa. Naquele momento, dona Olga e Júlia apareceram. Dona Olga estava quase sem ar:

— Disposição não me falta, mas confesso que não estava preparada para todo esse agito — sua expressão era de pura alegria, apesar do cansaço.

André já estava a postos, impaciente, na frente da casa de Almerinda. Dona Olga colocou a chave na fechadura da porta e anunciou:

— Todo mundo para dentro. Vamos comer, tomar uma ducha e dormir. O dia foi puxado.

Eles entraram e, ao fecharem a porta, a música do lado de fora pareceu ficar mais distante. André já se preparava para correr para o seu quarto, onde estava o livro, quando percebeu que havia algo errado ali dentro. Dona Olga, Júlia e Rachid sentiram o mesmo. A casa estava estranhamente escura. Naquele horário, Almerinda costumava ficar ali, na sala, lendo ou assistindo a TV.

Acenderam a luz e passaram os olhos pela sala, que estava a maior bagunça. Uma das poltronas tinha sido virada, as portas e as gavetas da cristaleira estavam escancaradas, e cadeiras, objetos e papéis haviam sido jogados no chão.

— Parece que passou um furacão por aqui — disse Júlia, horrorizada.

— Alguém deve ter aproveitado o movimento do Carnaval para invadir a casa — especulou André, esquecendo-se na mesma hora do livro policial. Afinal, havia um mistério de verdade na sua frente.

— Dona Almerinda não é rica — comentou Rachid. — Por que alguém iria assaltar a casa dela?

— Hoje em dia rouba-se por qualquer coisa, meu querido — disse dona Olga, começando a temer pelo pior. — Vamos procurar por Almerinda!

Eles se dividiram em dois grupos: Júlia e André para um lado e dona Olga e Rachid para o outro. Enquanto os dois irmãos procuraram nas salas e na cozinha, o outro grupo foi até os fundos da casa, onde ficavam os três quartos.

Ao chegarem perto do quarto de Almerinda, viram que a porta estava fechada. Devagar, dona Olga aproximou-se e ouviu uma voz vinda lá de dentro.

— Não adianta negar, velhota. — Era uma voz de adulto imitando criança. Dona Olga e Rachid não conseguiram identificar se era de homem ou de mulher. Mas a pessoa falava com raiva. — Você é amiga do frade. Se o diário não está aqui, você é a única que sabe onde ele está.

— Já disse que não sei de nada — a voz de Almerinda saiu trêmula. Ela choramingava. — Eu juro!

Dona Olga disse bem baixinho para Rachid:

— Vá avisar os outros! E liguem para a polícia. Rápido!

Rachid correu pelo corredor e, ao dobrar à direita para entrar na sala, deu de cara com Júlia, e os dois se estatelaram no chão.

— Está com pressa? — resmungou Júlia.

— Tem uma pessoa com dona Almerinda no quarto dela. — Desta vez Rachid não tinha tempo a perder com discussões, e pôs-se de pé imediatamente. — Precisamos chamar a polícia.

— Nenhuma viatura da polícia vai conseguir entrar na rua com esse bloco passando aí fora — Júlia falou, levantando-se. — Temos que pensar em outra coisa.

— O bandido deve estar armado — disse André. — E se tiver mais gente com ele?

O rosto de Júlia se iluminou.

— Tive uma ideia — falou a menina. — Venham comigo!

Ela atravessou a sala na direção da porta. André perguntou:

— O que você está pensando em fazer?

— Vocês vão ver.

Júlia abriu a porta e começou a abordar os foliões que desfilavam no bloco. Teve o cuidado de selecionar os homens mais fortes.

— Tem uma pessoa dentro da nossa casa — ela dizia a cada um deles, apontando para a casa de Almerinda — que está ameaçando uma senhora. Você pode nos ajudar a expulsá-la, por favor?

Em um minuto, Júlia recrutou uns dez valentões, que não pensaram duas vezes e entraram na casa parecendo querer esmagar quem se pusesse na frente deles. Rachid e André até saíram do caminho para não atrapalhar a passagem.

— Estão naquele quarto — Júlia apontou o cômodo para os homens.

André e Rachid foram atrás. E ouviram a voz de dona Olga, que se assustou ao ver aquele pelotão carnavalesco na direção dela:

— Mas o que é isso?!

Os foliões não responderam. Um deles meteu o pé na porta e todos entraram como uma manada de bois em disparada. Almerinda estava amarrada na cadeira da penteadeira, choramingando e balançando a